



Resenha

WEBER, Michel. *Éduquer (à) l'anarchie - La fin de l'université*. Bélgica: Les éditions Chromatika, 2008. 238 pág.

Por Susana de Castro

O título deste último livro do filósofo belga Michel Weber, diretor do Centro de Filosofia Prática “Chromatiques whiteheadiennes”, em Bruxelas, nos aponta para duas possibilidades, ‘educar a anarquia’ e ‘educar para a anarquia’. Trata-se de duas possibilidades antagônicas. Optando-se por uma têm-se o afastamento da outra. O seu subtítulo também remete a duas possibilidades antagônicas. A educação superior universitária vive um momento de decadência, isso parece-lhe inquestionável. Essa decadência, porém, pode levar a universidade a dois caminhos distintos. Pode levar tanto a seu aniquilamento, quanto a sua renovação. Michel Weber aposta nessa segunda possibilidade. Seu livro é um “plaidoyer pela renovação do conceito de democracia a partir de um reinvestimento no mundo da educação” (p. 152). Apoiando-se nas categorias fundamentais do sistema filosófico-cosmológico do filósofo britânico Alfred North Whitehead (1861-1947), mostra que dada a organicidade do real, i.e., a relação unitária de seus principais elementos, as bases para a construção de uma sociedade mais solidária e democrática (política) está apoiada na reestruturação da educação sob as bases da reflexão e do pensamento (mundo do espírito, filosofia).

Na visão de Weber, a universidade atual é responsável, em grande medida, pelas mazelas sociais, morais e econômicas porque passamos, pois não oferece mais alimento espiritual, reflexão criativa e múltipla, para a sociedade. O papel educacional das universidades de promover a vida do espírito e a cultura foi destruído há pelo menos trinta anos desde que a lógica do mercado invadiu os corredores universitários impondo à academia o modelo de otimização empresarial. A produção acadêmica passou a ser quantificada levando os acadêmicos a competir entre si e, no afã de ganhar verbas públicas e privadas, a direcionar suas pesquisas para as demandas do mercado. Antes

vanguarda do pensamento, hoje a universidade é uma serva obediente dos interesses econômicos dominantes, diz Weber. Hoje, vigora o projeto de ‘educar a anarquia’. ‘Anarquia’ é usado aqui no sentido básico e etimológico de ‘sem governo’ e ‘sem princípio’. Na medida em que desvinculam a educação de sua função social e cívica, de construção de uma rede solidária, interdependente, entre as pessoas, ao mesmo tempo em que espaço de pensamento crítico, as universidades reforçam o individualismo e conformismo reinantes. *Educar a anarquia* é, portanto, reforçar o modelo da preguiça intelectual, segundo o qual as explicações uníssonas vinculadas pelos meios mediáticos expressariam a mais pura verdade. Esse quadro de pobreza intelectual é agravado pelo modelo de felicidade através do consumo que a indústria tecnológica propagandeia: “o indivíduo é feliz se consome”. Evidentemente nem todos atingem o mesmo nível de consumo. As injustiças inerentes a esse modelo neo-liberal de capitalismo de mercado, no qual as riquezas não são distribuídas de maneira uniforme, não geram críticas nem subversão, pois tanto o consumo ativo, quanto o desejo de consumo produzem o mesmo efeito, a apatia política e a uniformidade de pensamento. Weber compara a sociedade neo-liberal do conformismo político e do consumismo à sociedade totalitária descrita por George Orwell em *1984*. Na ficção, Orwell descreve um estado totalitário, Océania, no qual vigora o “Ingsog” (abreviação de ‘English Socialism’ na ‘nova língua’). Nesse país, os agentes de segurança são treinados para empregar um programa de controle de pensamento bem sofisticado que torna os habitantes da cidade incapazes de qualquer idéia subversiva. Os pilares desse programa são o “Doublethink” (pensamento duplo), que leva o indivíduo a admitir teses contraditórias como verdadeiras e a negar fatos do passado, e a “Newspeak” (nova língua) que reduz o vocabulário clássico de palavras utilizadas normalmente por um falante da língua a um número menor de vocábulos. Neste último caso, o efeito atingido é o de impedir a formulação de pensamento já que sem linguagem e sem palavras não há pensamento. Segundo Weber, a pobreza e a falta de clareza empregadas hoje pelos jornalistas na difusão e análise das notícias está contribuindo, da mesma forma que na ficção de Orwell, para a incapacidade cada vez mais crescente na população de formulação de algum pensamento crítico ou desviante da versão oficial, divulgada amplamente e sem restrição.

Em uma sociedade totalitária de capitalismo de mercado de tipo neo-liberal o regime dito democrático pouco tem de democrático visto que as possibilidades de ação política ativa e de auto-governo são propositadamente abafadas. A falta de preocupação com a coisa pública e a despolitização da população facilitam o loteamento do Estado pelos representantes do mercado. Além da apatia do eleitor, decorrente dos fatores acima mencionados, os políticos que, na verdade,

representam os interesses do livre-mercado, detém o poder de construir narrativas de ameaças externas que lhes autorizam toda uma série de atos arbitrários, desde a tortura até a censura, sem que isso suscite alguma forma de protesto ou crítica. A narrativa amplamente divulgada nos meios de comunicação de massa sobre a ameaça do terrorismo muçulmano, após o 11 de setembro, teve justamente esse efeito paralisante, desejado pelo governo americano a fim de que pudesse propor uma política de guerra sem questionamento ou protesto.

Weber não se deixa levar, entretanto, pelo pessimismo absoluto. Acredita que a síntese entre o pensamento político filosófico platônico e a metafísica cosmológica whiteheadiana, ou seja, a adaptação do modelo orgânico rígido de cidade ideal platônico às novas demandas espaço-temporais pós-modernas, exemplificadas pelos conceitos centrais da ontologia processual e criativa de Whitehead, podem nos ajudar a construir um novo modelo de educação, a ‘educação para a anarquia’.

‘Educar para a anarquia’ significa educar tanto para a independência (sem-governo), quanto para o reconhecimento da interdependência, isto é, o reconhecimento, anunciado por Platão na *República*, de que apesar diferentes, ninguém se basta a si mesmo (*República*, 369b). Essa noção de anarquia, de sem governo, era, entretanto, completamente estranha aos gregos, visto que a união orgânica entre a religião, a ciência, a filosofia e a política, fazia com que acreditassem haver uma analogia entre a ordem do cosmos, a ordem da natureza, a ordem dos deuses e a ordem do conhecimento humano. Conhecer para Aristóteles era descobrir os princípios (*archai*). A idéia de um cosmos e de uma natureza finitos governavam, portanto, a interpretação filosófica do real. Enquanto perdurou a imagem espacial finita do mundo, manteve-se, como mostra Weber, a noção fundacionista do conhecimento: ‘nada que ocorre no mundo é aleatório, pois tudo que existe deve ter uma causa que provoque a sua existência, seja ela o logos ou a vontade divina’. O quadro categorial causal de descrição do real foi, entretanto, posto em xeque a partir das descobertas astronômicas de Galileu e Copérnico, quando ficou patente que a intuição de Giordano Bruno de que o universo era infinito era verdadeira. O universo era *an-archai*, sem princípio. Ficamos, então, sem fundamento nenhum do conhecimento do real? Chegamos ao caos?

As descobertas científicas de Galileu e Copérnico delimitam épocas históricas. Com eles adentramos uma nova era histórica, não mais medieval, e sim moderna. Do ponto de vista filosófico, a modernidade começa quando Descartes anuncia a descoberta do pensamento fundante, o sujeito. O sujeito, o pensamento que se pensa a si próprio, passa a ser a partir daí o fundamento (*arché*) de todo conhecimento. Os empiristas, e mais tarde os estruturalistas, invertem essa idéia

cartesiana de um sujeito fundante puro, ao provar que não há mente sem cultura, ou seja o sujeito é uma construção temporal e cultural, determinado pelos valores de seu tempo. A história e a cultura é que seriam o ‘fundamento’ do conhecimento, e uma vez que são instáveis, pois mutáveis, não poderíamos mais utilizar o termo fundamento, visto que esse termo pressupõe a identificação de princípios eternos.

Depois da virada espacial moderna que desestabilizou a visão grego-cristã do mundo, ocorrerá uma virada temporal que desestabilizará a visão cartesiana do sujeito pensante, a saber: o anúncio feito por Herbert Spencer (1820-1903) no *Principles of Psychology* (1855) de que a mente humana era adaptativa do ponto de vista da filogenia, ou seja, o aparato cognitivo humano evoluía para adaptar-se ao meio. Depois dessa segunda virada radical, o quadro estável e finito da ordem metafísica do mundo cai definitivamente por terra. Essa segunda virada caracteriza a entrada do conhecimento em uma nova era, pós-moderna. Se a mente evolui, isso significa que não há limite para a possibilidade de inovação e não há como antecipar ou determinar os objetos do real.

A visão do mundo muda completamente após essas mudanças radicais dos conceitos de espaço e tempo, diz Weber. Whitehead cria um novo quadro conceitual sistematizando os elementos básicos dessa nova (des-)ordem infinita, a qual ele chama de ‘avanço criador’. A característica básica do real é ser processual e eventual. Os eventos, ou acontecimentos, ocorrem de modo aleatório e imprevisível, mantendo uma opacidade fenomênica, dado que não se pode determinar sua causa. Mas esse estado processual dos fenômenos não é completamente aleatório, pois é guiado pelo ‘avanço criador’ e seus três elementos, ‘criatividade’, ‘eficácia’ e ‘visão’. Se a metafísica dos eventos e do processo nos conduzisse a conclusão de que tudo é imprevisível e, portanto, não há nada que o ser humano possa fazer para modificar o real, então, estaríamos, de certa forma, justificando a atitude conformista típica da nossa era apática. Não é esta, entretanto, a conclusão de Weber.

Justamente por vivermos em uma época em que a criatividade e a mudança são moedas correntes, faz-se mais ainda necessário a ação política que congregue as diversas visões de mundo. O espaço político é o espaço da ação. Espaço no qual escapamos ao estado contingencial e aleatório dos fenômenos, na medida em que nos direcionamos para as conseqüências. É no plano do pensamento consequencialista, próprio à ação e ao planejamento políticos que encontramos a nossa realização plena. Assim sendo, educar para a anarquia é educar para a construção de uma sociedade pós-liberal, na qual haja um resgate da noção de cidadania ativa grega. O cidadão grego educava-se

não para seu usufruto pessoal, mas para melhor atuar na pólis, na arena dos negócios públicos, na qual estava em jogo o bem estar comum.

Os valores compartilhados por todos a partir da formação comum paidêutica, forjava no espírito do grego o sentimento de copertencimento, vital para a união dos diversos seres independentes. Weber acredita ser urgente recuperarmos esse sentimento comunitário e essa é a tarefa da educação para a anarquia da universidade nova, em uma sociedade pós-liberal e verdadeiramente democrática.

Nesse livro Weber mostra que não é possível entender a metafísica processual de Whitehead sem que levemos em conta a moldura histórica em que ela surge, a saber, a moldura caracterizada pelas rupturas espaciais modernas e temporais pós-modernas. As descobertas da biologia evolutiva impõem a reformulação das categorias metafísicas gregas, mas não o aniquilamento de todo projeto metafísico fundacionista como querem os filósofos pós-modernos desconstrucionistas. Weber filia o pensamento de Whitehead à vertente construcionista da pós-modernidade, pois trata-se para Whitehead de renovar o pensamento metafísico, dando-lhe uma nova roupagem categorial. O conceito central dessa nova roupagem é o conceito de criação. O universo fenomenológico e existencial dos seres é estruturado pelo princípio do surgimento irruptivo do novo.

A leitura deste livro abre os estudos pragmatistas para um modo novo de direcionamento do seu conceito central, o de ação. Trata-se, portanto, de uma leitura imprescindível para todos que estudam o pragmatismo e suas diversas tendências. Um livro provocador, principalmente, para os leitores acostumados à crítica rortyana a todo discurso metafísico fundante, e à crítica deweyana a toda tentativa de isolar a teoria da prática.